

DOI: 10.20911/21799024v16n1p64/2025

Notas sobre a questão da tecnologia na *Dialética do esclarecimento* de Theodor Adorno e Max Horkheimer

**Notes on the Question of Technology in Theodor Adorno and Max
Horkheimer's Dialectic of Enlightenment**

Bruno Luciano de Paiva Silva¹

Resumo: O tema do presente artigo é a tecnologia. Assim, o escopo principal da presente comunicação será refletir acerca da presença da tecnologia como elemento essencial da experiência do ser humano hoje. E a hipótese que guiará nossas reflexões é de que o uso acrítico da tecnologia, sobretudo no campo educacional, traz consequências negativas para experiência formativa, principalmente quando coisifica o pensar e intensifica o processo de reificação das relações humanas. Foi adotado como metodologia a revisão bibliográfica e espera-se, como resultado, que este texto estimule a reflexão sobre a presença da tecnologia na formação (*Bildung*) do ser humano e sobre o papel da filosofia neste contexto.

Palavras-chave: Tecnologia; Razão instrumental; Experiência formativa; Filosofia; Theodor Adorno.

Abstract: The theme of this article is technology. Thus, the main scope of this paper will be to reflect on the presence of technology as an essential element of

1. Doutor em Filosofia (UFMG). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral em Educação (PUC-MG). Professor de Filosofia da Faculdade FAMART-MG. E-mail: brunopaiva1818@gmail.com.

the human experience today. And the hypothesis that will guide our reflections is that the uncritical use of technology, especially in the educational field, has negative consequences for the formative experience, especially when it objectifies thinking and intensifies the process of reification of human relations. The methodology adopted was a bibliographic review and it is expected, as a result, that this text will stimulate reflection on the presence of technology in the formation (Bildung) of the human being and on the role of philosophy in this context.

Keywords: Technology; Instrumental reason; Formative experience; Philosophy; Theodor Adorno.

Introdução

O tema do presente artigo é a tecnologia, que ocupa hoje, cada vez mais, espaço em nossas vidas, seja na realização de tarefas simples do nosso dia a dia ou até em situações mais complexas, ligados, por exemplo, à inteligência artificial. No entanto, como destaca Rosa (2020, p.126), o problema que surge é saber se a tecnologia traz mais conforto e tempo livre aos indivíduos, proporcionando uma maior qualidade de vida aos indivíduos. Por isso, o escopo principal da presente comunicação será refletir, tendo a obra *Dialética do esclarecimento*² como marco teórico, acerca da presença da tecnologia como elemento essencial da experiência do ser humano hoje. E a hipótese que guiará nossas reflexões é de que o uso acrítico da tecnologia, sobretudo no campo educacional, traz consequências negativas para experiência formativa, principalmente quando coisifica o pensar e intensifica o processo de reificação das relações humanas.

Assim, nossa tarefa será de analisar, no primeiro momento, a seguinte constelação conceitual: razão instrumental, dominação e tecnologia no contexto da modernidade; no segundo momento, refletiremos sobre o uso da tecnologia como elemento de integração funcional do indivíduo ao mundo administrado. Foi adotado como metodologia a revisão bibliográfica e espera-se, como resultado, que este texto estimule a reflexão sobre a presença da tecnologia na formação (Bildung) do ser humano e sobre o papel da filosofia neste contexto.

2. Razão instrumental, tecnologia e experiência formativa

2.1. Razão instrumental como coisificação do pensar

Adorno e Horkheimer começam o texto “O conceito de esclarecimento” apresentando a ideia weberiana de “desencantamento do mundo” como o “programa de esclarecimento”, na medida em que dissolvia os mitos e substituía a

2 Utilizaremos a sigla DE para se referir à obra *Dialética do esclarecimento*.

imaginação pelo saber. Após essa menção inicial a Max Weber, os autores fazem inúmeras referências a Francis Bacon, filósofo inglês conhecido como “o pai da filosofia experimental”, devido a sua proposta de combater a concepção de conhecimento cartesiana que predominava na Europa no século XVII. Destaca-se nesse começo a grande ampliação que os autores fazem da noção de esclarecimento: tanto o movimento intelectual europeu do século XVIII, quanto o movimento da filosofia pré-socrática de superação da explicação mítica da realidade, são incluídos no esclarecimento, que se define, agora, como um processo que caracteriza a civilização ocidental desde os primórdios, dando ênfase maior à mitologia grega, que já apresentava um impulso, semelhante ao da Ciência, de organizar o mundo.

Bacon foi um autor que forneceu bons elementos para se entender o modo de pensar da Ciência que se produziu depois dele e compreendeu, em função disso, a relação entre razão e natureza como patriarcal, ou seja, a razão que superou a superstição deve dominar a natureza desencantada. A essência desse saber factual é a técnica, que visava apenas uma precisão metodológica que amplie e potencialize o domínio sobre a natureza desencantada, e não a felicidade dos seres humanos.

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos. Diante do atual triunfo da mentalidade factual, até mesmo o credo nominalista de Bacon seria suspeito de metafísica e incorreria no veredicto de vacuidade que proferiu contra a escolástica. (Adorno, 2006, p. 18)

Adorno e Horkheimer chamarão de racionalidade instrumental a razão que pondera, calcula e ajusta os melhores meios a fins dados exteriormente ao agente. Sua relação com o domínio da natureza caracteriza, segundo Jay (1988, p. 37), um nivelamento da experiência subjetiva e objetiva com o mundo: do lado subjetivo, ocorreu uma redução, através da reificação, do sujeito a um universal; e do lado objetivo “o mundo natural foi reduzido a um campo de entidades fungíveis, cujas diferenças quantitativas se perderam em nome do controle científico”, cujo único sentido é a adequação à abstração, ou seja, reduzir toda a realidade empírica a números.

As cosmologias pré-socráticas são vistas como uma etapa do esclarecimento na destruição do animismo. Ao longo desse processo, porém, momentos significativos da relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo ficaram perdidos: “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (DE 18). Assim, “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (DE 19). Ele é totalitário, reduzindo toda diversidade, pluralismo e diferença presente no mundo a princípios formais abstratos: “a equação do espírito e do mundo acaba por se resolver, mas apenas com a mútua redução de seus dois lados” (DE 34). A realização desse projeto

totalitário, que reduz toda alteridade a princípios formais abstratos, corporifica-se no ideal de sistema e no projeto de uma *scientia universalis* como idealizada por Bacon e na matemática por Leibniz, identificando o antropomorfismo como elemento básico do mito como inimigo. Por isso, deve-se reduzir tudo (mundo natural) a um princípio unitário: “o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade” (DE 20). Com isso, a sociedade burguesa, que segue essa regra de reduzir a diferença a um número, está dominada pelo equivalente. A equivalência, para Adorno e Horkheimer, significa transformar o “heterogêneo comparável, reduzindo-o a grandezas abstratas”, pois, para o esclarecimento, “aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão” (DE 20). Esse caráter repressivo do esclarecimento significa dizer, para Jay, em termos que Adorno utilizaria com frequência, que “o qualitativamente diferente e não-idêntico foi forçado a enquadrar-se no molde da identidade quantitativa” (Jay, 1988, p. 36). Aquilo que ainda não se deixa apreender pelo pensamento conceitual (números), o não-idêntico, não é tolerado pelo esclarecimento, que veria nele a lembrança de um tempo em que ainda não havia se emancipado da natureza. A história, movida pela racionalidade instrumental, torna-se mito por reiterar o princípio subjetivo da dominação, minando radicalmente a sobrevivência de uma potencialidade crítica e emancipatória, ao reduzir o conceito, no âmbito da ciência, a uma fórmula e na esfera da economia e das relações sociais de produção a um valor de troca.

Outro aspecto importante a destacar é a tese de Adorno e Horkheimer de que o mito já era produto e uma “protoforma” do esclarecimento, pois “queria relatar, dominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. (...) Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina” (DE 20), constituindo uma organização do mundo com o propósito de autoconservação da espécie. Os autores não igualam os mitos à ciência, pois identificam diferenças essenciais entre eles, sendo a primeira relativa à vinculação ao objeto. Enquanto na magia ocorre uma aproximação, através de um procedimento mimético, na ciência o pressuposto básico para alcançar a objetividade é um distanciamento crescente, tomado pelos autores como uma forma de alienação” sobre aquilo que exercem o poder”. Na magia existe outra diferença em relação à ciência: a “substitutividade específica”, isto é, no ritual há uma relação simbólica determinada entre o objeto da magia e um representante seu (boneco, fio de cabelo, roupa, etc.), enquanto na ciência a substitutividade se converte na “fungibilidade universal”, ou seja, a representação de uma porção de matéria (ex: de uma molécula de oxigênio) é a mesma em qualquer lugar do universo. Adorno e Horkheimer chamam a atenção também para o fato de o mito não estar contido apenas no processo de esclarecimento em geral, mas também especificamente na ciência:

O princípio da necessidade fatal, que traz a desgraça aos heróis míticos e que se desdobra a partir da sentença oracular como uma consequência lógica, não apenas domina todo sistema racionalista da filosofia ocidental, onde se vê depurado até atingir o rigor da lógica formal, mas impera até mesmo sobre a série dos sistemas, que começa com a hierarquia dos

deuses e, num permanente crepúsculo dos ídolos, transmite sempre o mesmo conteúdo: a ira pela falta de honestidade. (Adorno, 2006, p. 23)

A tese polêmica de que o mito é visto como uma antecipação da ciência é ampliada pelos autores: existe um importante aspecto do conhecimento científico que o liga ao mito, a saber, o caráter de repetição. A objetivação alcançada pela ciência pressupõe que tudo nela pode ser repetido, através de experimentos, que deverá trazer sempre o mesmo resultado. É justamente essa temporalidade cíclica do mito que se encontra na ciência: “o princípio da imanência, explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito” (DE 23).

O conceito crítico de esclarecimento é bem amplo na *Dialética*: a universalidade dos pensamentos da lógica, utilizada até hoje pelo discurso científico, é correlata à dominação real, econômica e política da maioria por alguns poucos que detêm os meios de produção. Os autores movimentam-se alternadamente do plano gnosiológico, centrado nas relações entre razão instrumental, para o plano ético e político, da dominação da natureza e do social: “a distância do sujeito com relação ao objeto, que é pressuposto de abstração, está fundada na distância em relação à coisa, que o senhor conquista através do dominado (DE 24). Em outra passagem, os autores afirmam: “a universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real” (DE 25). A noção de “lógica discursiva” ressalta-se neste texto não apenas por ser o correlato da dominação do mundo natural e social, mas também por ser considerada uma resposta do pensamento dominador à possibilidade de que as coisas sejam e não sejam ao mesmo tempo. Essa preocupação já estava potencialmente presente no mito, e o esclarecimento poderia ser visto como a radicalização dessa angústia mítica. Essa possibilidade não se apresenta como um problema para quem defende uma concepção dialética, já que “o conceito, que se costuma definir como a unidade característica do que está nele subsumido, já era desde o início o produto do pensamento dialético, no qual cada coisa só é o que ela é tornando-se aquilo que ela não é” (DE 26).

A racionalidade instrumental dominadora não fica restrita apenas ao mundo natural, mas se estende à sociedade, não apenas para moldar a economia, o sistema político ou a burocracia estatal, mas também a socialização, o processo de aprendizado e a formação da personalidade. A racionalidade das relações sociais, ao invés de conduzir à criação de uma sociedade de indivíduos livres e iguais, acabou por produzir um sistema social que bloqueou estruturalmente qualquer possibilidade emancipatória e transformou os sujeitos em engrenagens de um mecanismo que não compreendem e não dominam e ao qual se submetem e se adaptam, impotentes. Esse desafio mais geral se traduz no papel de compreender como a razão humana acabou por restringir-se historicamente a sua função instrumental, cuja forma social concreta é o mundo administrado. Veremos, a seguir, como ocorre a integração funcional do indivíduo na sociedade, confirmando essa dominação por meio da razão instrumental.

2.2. A tecnologia na integração funcional do indivíduo no mundo administrado

Adorno e Horkheimer apontam para um aspecto peculiar do esclarecimento moderno, um tipo de “automatismo da autoconservação”, ou seja, o aprofundamento da reificação até alcançar o pensamento, a ponto de ele não poder mais ser diferenciado de um processo maquinal, semelhante dos modernos computadores: “(...) a própria razão se tornou um mero adminículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba” (DE 37). Esse processo é descrito como um tipo de substituição do sujeito transcendental pelo trabalho automatizado, resultado de uma racionalidade que se desenvolveu apenas no sentido de privilegiar a razão calculadora em prejuízo de qualquer aspecto material e da capacidade de o pensamento voltar-se sobre si mesmo. Sob os raios gelados da razão instrumental amadurecem, segundo os autores, “a sementeira da nova barbárie”.

O tema da autoconservação continua na sequência da argumentação dos autores, ao recorrerem ao duodécimo canto da *Odisseia* de Homero, onde é relatado o encontro de Ulisses com as sereias. Nesse momento, Ulisses é amarrado ao mastro do navio, ordenando a sua tripulação que tampe os ouvidos com cera, para evitar a capitulação diante da beleza do canto das sereias, o que significaria a morte de todos, mas também uma experiência singular: o contato com uma beleza irresistível. Esse episódio mostra que a cautela contra o canto das sereias que Ulisses prescreve para si próprio em contraste com a para seus homens, sugere um presságio da situação da arte e da cultura na era burguesa, já que ele próprio podia desfrutar, mesmo atado ao mastro do navio, da beleza do canto, enquanto seus homens nem sequer ouviram um som: “o patrimônio cultural está em exata correlação com os trabalhos comandados, e ambos se baseiam na inescapável compulsão à dominação social da natureza” (DE 40).

Ulisses neste episódio propõe como estratégia, segundo os autores, uma divisão do trabalho, na qual separa intelecto e os sentidos. Essa separação prejudica a ambos e significa, conseqüentemente, “o empobrecimento do pensamento bem como da experiência” (DE 41). Fazendo um paralelo com os dias atuais, o episódio narrado no canto XII da *Odisseia*, reserva aos trabalhadores que são obrigados a vender a sua força de trabalho a tampar os ouvidos: “quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz” (DE 41). Por isso, a “regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com seus próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos” (DE 41). A incapacidade de perceber a realidade cria uma nova forma de ofuscamento, que substitui as formas míticas superadas, e faz dos indivíduos “meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força” (DE 41). Assim, tanto os remadores com os ouvidos tapados pela cera, quanto os trabalhadores modernos na fábrica estão sob condições concretas do trabalho na sociedade que cria conformismo e uma impotência que não é desculpa dos dominados, mas uma “consequência lógica

da sociedade industrial, na qual o fado antigo acabou por se transformar no esforço de a ele escapar” (DE 42).

A integração funcional do indivíduo à sociedade, que reflete a ideia dos autores de que poder e conhecimento são sinônimos, é consequência da razão instrumental, que não se limita apenas à atitude científica, mas se expande, como vimos, por todo o tecido social, eliminando, com isso, qualquer forma de tensão entre indivíduo (particular) e sociedade (universal). O que marca o empobrecimento da vivência do mundo, para Verlaine Freitas (2014), “é uma abstração que é de suma importância para Adorno: a negação abstrata da singularidade pelo afastamento do intelecto em relação a ela”. A purificação do conteúdo sensível, empírico, cumpre a velha ambição do intelecto de ser um órgão puro dos fins:

A exclusividade das leis lógicas tem origem nessa univocidade da função, em última análise no caráter coercitivo da autoconservação. Esta culmina sempre na escolha entre a sobrevivência ou a morte, escolha essa na qual se pode perceber ainda um reflexo no princípio de que, entre duas proposições contraditórias, só uma pode ser verdadeira e só uma falsa. O formalismo desse princípio e de toda a lógica, que é o modo como ele se estabelece, deriva da opacidade e do entrelaçamento de interesses numa sociedade na qual só por acaso coincidem a conservação das formas e a dos indivíduos. (Adorno, 2006, p. 37)

Portanto, podemos perceber que a técnica moderna se desenvolve, segundo Adorno e Horkheimer, a partir de uma relação entre dominação, violência e repressão. Ela é investida de um poder emancipatório com o Iluminismo, a partir do qual aparece como reflexão da natureza. Contudo, eles impõem um âmbito negativo que acompanhou a razão iluminista: ao mesmo tempo em que propõe a emancipação, também traz consigo elementos deflação dos conteúdos emancipatórios. Em suma, a emancipação e o progresso iluminista trazem, precisamente, os seus opostos: a sujeição e o atraso.

Com isso, o conceito de técnica, para os autores, está relacionado com medo de realização da dialética entre homem e natureza, do qual surge a cultura. Nessa dialética já está implícita a violência, a dominação e a emancipação. Estamos sempre nesse dilema, na qual se encontram o domínio da natureza, possibilitador da ampliação material, logo, para o desenvolvimento da cultura humana; e a predisposição para a emancipação frente da natureza. Estamos sempre diante da exigência de escolher entre dois caminhos: a sujeição à natureza ou a sujeição da natureza ao domínio humano.

Assim, o conceito de técnica é compreendido como elemento fundamental de um processo decorrente da ampliação daquele tipo de saber vinculado ao poder afirmado Francis Bacon. Este tipo de saber apresenta, a priori, o impulso de dominação da natureza, da construção de um mundo preponderante humano a partir da racionalidade e do agir técnico. Portanto, a técnica moderna é o meio pelo qual esse tipo de poder encontra sua aplicação e efetivação, com efeito, convertendo-se em mola propulsora de uma lógica da dominação que foi acusada na transição de uma configuração técnica e científica

Na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer explicam que a técnica, desde suas origens no contexto moderno, foi desenvolvida pela burguesia como fruto de um saber prático, ligada ao poder e dominação.

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa a sua origem (...). A técnica é a essência desse saber, que não visa a conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital (...) (Adorno, 2006, p. 20)

Como apontam os autores, existe uma ambiguidade na tecnologia, a saber, que não se restringe apenas ao uso que o ser humano faz dela, isto é, se é utilizado para o bem, ela é eticamente correta, mas se é utilizada para o mal, ela é falsa. Essa ambiguidade é verdade, porém ela se manifesta de maneira incisiva, sobretudo, no interior da constituição da tecnologia. Podemos constatar essa ambiguidade em, pelo menos, duas passagens: uma na *Dialética do esclarecimento* quanto os autores dizem: "No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu os elementos de reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta" (DE 48). A outra passagem encontra-se no texto *Educação após Auschwitz*:

A relação com a técnica é tão ambígua quanto aquela, aparentada, com o esporte. Por um lado, cada período produz aqueles tipos de caráter de que necessita socialmente – os chamados tipos de distribuição de energia psíquica. Um mundo como o atual, em que a tecnologia ocupa posição-chave, produz pessoas tecnológicas, afinadas com a tecnologia (...). Por outro lado, a atual atitude para com a tecnologia contem algo de irracional, patológico, exagerado. Isto está relacionado com o "véu tecnológico". As pessoas tendem a considerar a tecnologia como algo em si, como fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata do braço prolongado do homem. Os meios – e as tecnologias é a essência dos meios para a autopreservação da espécie humana – são fetichizados, por que as finalidades – uma existência digna do ser humano – são encobertas e arrancadas do consciente humano. (Educação e emancipação, 1995a, p. 41-42)

Na citação acima, a ambiguidade se revela, em especial, na relação das pessoas com a tecnologia. Adorno mostra, no texto *Tecnologia e humanismo* (1953), que a técnica "em si" deveria ser um meio, um braço prolongado do sujeito para alcançar sua finalidade enquanto ser humano: uma existência digna. Mas ele admite que a técnica "em si" não existe. O que há é a técnica enquanto parte integrada dos meios de produção de uma determinada época. Todavia ela assumirá os valores e virtudes do sistema em determinado momento histórico. Assim, Adorno escreveu, em 1953, que sociedade e técnica se encontram entrelaçadas desde o início da nova era, "de tal modo que perguntar sobre a prioridade da economia em relação à técnica ou vice-versa significa o mesmo que perguntar quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha." (TeH 6). Embora aconteça

o fetichização da técnica, na contemporaneidade, Adorno admite que ela poderia ser utilizada de maneira trazer mais benefícios que malefícios as pessoas.

Conclusão

Vimos, no primeiro momento do texto, que a reificação do pensar pela razão instrumental, que resulta na integração funcional do indivíduo ao mundo administrado e no conformismo, reduz drasticamente a tensão entre sujeito e mundo. No momento seguinte, analisamos, a partir da obra de Adorno, a relação entre a razão instrumental, tecnologia e dominação. A figura épica de Ulisses foi utilizada como modelo dessa relação de dominação entre o ser humano e natureza, com mediação da tecnologia. Vimos, ainda, as consequências negativas do uso acrítico da tecnologia feita pelo ser humano, na qual potencializa os atitudes de indiferença em relação alteridade e coisifica o pensar.

Depois desse percurso, a questão que fica no ar é: será que o ser humano conseguiu resgatar, nos dias atuais, a promessa inicial da tecnologia de trazer mais conforto e tempo livre ou ampliou o quadro de alienação, que reacende a possibilidade uma nova barbárie.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*. Edição de Rolf Tiedemann. 20 vols. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1997.

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes/Edições 70, 1988;

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ADORNO, Theodor W. *Minima moralia*: Reflexão a partir da vida lesada. Tradução Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Tradução Marco Antônio Casanova; revisão técnica Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor W. "Teoria da semiformação". Tradução Newton Ramos-de-Oliveira; Bruno Pucci; Claudia Barcelos de Moura Abreu. In: PUCCI, Bruno; LASTORIA, Luiz; ZUIN, Antônio (Orgs.). *Teoria Crítica e Inconformismo*: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.

ADORNO, Theodor W. *Para que, ainda, Filosofia?* Tradução de Newton Ramos de Oliveira e Revisão técnica de Bruno Pucci. Disponível em: <http://www.unimep.br/anexo/adm/13032015162212.pdf>.

COHN, Gabriel. Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje. *Revista Lua Nova*, n. 43, p. 5-22, 1997.

FREITAS, Verlaine. *Adorno e a arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

FREITAS, Verlaine. "Dialética histórica da cultura. Um comentário crítico ao texto Teoria da semiformação, de Theodor Adorno". In: CHAVES, J. C.; BITTAR, Mona; GEBRIM, V. S. (orgs). *Escritos de psicologia, educação e cultura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

FREITAS, Verlaine. Saber, abstração e poder na Dialética do esclarecimento: um comentário crítico. *Revista Veritas*, v. 59, n. 2, mai.-ago. 2014. p. 20-45

JAY, Martin. *As ideias de Adorno*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.

NOBRE, Marcos (org.). *Cursos livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

NOBRE, Marcos. *Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e Dialética negativa*. Passo Fundo: IFIBE, 2008.

PUCCI, Bruno; LASTORIA, Luiz; ZUIN, Antônio (Orgs.) *Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Unesp, 2020.

THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*. Tradução Rogério Bettoni. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo. (Orgs.). *Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento*. Ijuí: Unijui, 2009.

ZAMORA, José Antônio. *Th. W. Adorno. Pensar contra a barbárie*. Tradução Antônio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.